

## Regência de aulas de filosofia no ensino de uma rede pública de ensino: relato de experiência

Thiago Ferreira dos Santos<sup>5</sup>

### Resumo

Este trabalho apresenta um relato de experiência sobre o ensino de filosofia proposta pela disciplina da grade curricular de Licenciatura em Filosofia, Estágio Supervisionado IV, ministrada na Universidade Federal de Alagoas, que consistiu em reger aulas de filosofia para turmas de ensino médio em uma escola da rede estadual de ensino situada na cidade de Maceió-AL, com o intuito de uma vivência prática do estagiário com o exercício da docência. Nesse sentido, puderam ser observadas as características que constituem a prática docente, experiência de fundamental importância, uma vez que possibilitou reflexão acerca das reais condições em que se situa o ensino público de filosofia. Toma-se como base teórica os autores: Cerletti (2009), Lorieri (2002), Minayo (1995), Ludke e André (1986), Pimenta e Lima (2004).

*Palavras-chave:* Ensino de Filosofia. Ensino Público. Estágio Supervisionado

### Introdução

Após todo um processo de familiarização com conteúdos pedagógicos além de, um trabalho de campo anterior, que consistiu em observar o funcionamento do ensino médio no Centro Educacional de Pesquisas Aplicadas – CEPA, localizado na cidade de Maceió, onde foram observadas as características do local, bem como o direcionamento dado a disciplina de Filosofia (estágio observatório). Teve-se a competência de realizar o estágio de regência de aulas em filosofia, que como parte da disciplina de Estágio Supervisionado IV, um dos componentes da grade curricular do curso de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, que proporcionou o contato com a prática docente, de modo a colocar o estagiário frente a realidade da regência em relação ao aparato teórico.

É fato que existe uma separação entre os conteúdos estudados na Universidade em relação ao que se encontra em campo, ao passo que o presente trabalho se estabelece como uma maneira de formalizar em um relato, as experiências construídas na prática da regência, de modo que esse momento do estágio se propõe a indicar a localização da separação entre teoria e prática, para que como futuros docentes seja possível estabelecer métodos em que estas se relacionem dialeticamente, desta forma baseia-se na proposta de Pimenta e Lima (2004, p. 46) do estágio como pesquisa, nesse sentido:

A pesquisa no estágio, como método de formação de futuros professores, se traduz,

<sup>5</sup>Graduando em Filosofia, Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail: fer1988@gmail.com

de um lado, na mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam; por outro, e em especial, se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam.

O estágio como pesquisa possibilita a interação com a prática docente, porém, na posição de sujeitos reflexivos, há a possibilidade do desenvolvimento de capacidades que norteiam o pesquisador no universo da docência, deste modo, “[...] o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção da realidade, esta, sim, objeto da práxis” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 45). Por meio da experiência construída em sala de aula, seja na modalidade de observação, seja na regência, é possível um estágio calcado em uma atividade teórica (prática de conhecimento), pois está posta a possibilidade de observação, reflexão, atuação e intervenção através de estudos teóricos e práticos.

Nesta etapa de vivência do estágio, os estagiários encontram-se munidos de certa experiência com o funcionamento do universo escolar, uma vez que, no período de observação, que antecedeu a regência foi possível uma familiarização com a Instituição. Antes do processo de regência, houve todo um período de preparação, deste modo a pesquisa observatória se baseou no método qualitativo, visto que nesse período ocorreu uma coleta de dados (estatísticos e descritivos) configurados a partir do contexto social dos indivíduos envolvidos no processo, isto gerou um cabedal teórico, que além das bibliografias estudadas, nos deu suporte durante a docência.

Faz-se necessário para uma abordagem mais completa deste relato, expor antes da experiência da regência, a abordagem da Instituição de Ensino feita no período observado no intuito de deixar visível o contexto em que se deu o processo de ensino-aprendizagem, a proposta é que além de uma exposição acerca da experiência com a regência, sejam expostos aspectos relacionados a estrutura da escola, bem como a situação do ensino de filosofia na mesma, uma vez que esses dados interferem essencialmente nas respostas das turmas de filosofia na relação com o professor e a disciplina, pois, dependendo da atenção dada a disciplina tanto por parte do sistema educacional, quanto pelo próprio professor como sujeito atuante no meio, isso pode interferir tanto positivamente quanto negativamente no rendimento dos estudantes.

Com relação à regência, além da familiarização com o campo de trabalho, foi necessário todo um desenvolvimento teórico, que ocorre durante todas as fases do estágio supervisionado até culminar na prática docente, pois, cada pesquisa feita no âmbito da graduação, assim como, a produção de unidades temáticas, planos de aula, organização de conteúdos de caráter filosófico e não filosófico, foram determinantes para um exercício mais pleno. Este é um processo contínuo, uma ponte de ligação entre a graduação e a realidade docente, ora mais estreita ora mais larga.

Conforme afirmam Ludke e André (1986, p. 25):

Para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador.

Nesse sentido, antes de iniciar o estágio é fundamental tomar todos os cuidados para um bom funcionamento da atividade, ao passo que foi necessária a construção de um plano de estágio que serviu como base do processo; nele estão contidas as unidades temáticas, os planos de aula, bem como os conteúdos e exercícios para a construção das aulas. Assim, foram necessárias três cópias do plano, uma para a regente da disciplina de Estágio Supervisionado, uma para o professor que cedeu suas aulas e outra para o estagiário. É importante ressaltar que antes do encaminhamento ao professor da Instituição, o plano de estágio passou por uma avaliação da regente da disciplina de Estágio Supervisionado.

#### **Dados referentes à escola que serviu de campo para a regência de aulas de filosofia**

A escola que serviu como campo de pesquisa tanto para o período de observação quanto para o período de regência do Estágio Supervisionado, está situada no Centro Educacional de Pesquisas Aplicadas – CEPA, localizado em um bairro nobre da cidade de Maceió-AL. As informações a seguir, foram possíveis devido a uma pesquisa feita junto à coordenação e diretoria no período de observação, ressalta-se a importância que estas possuem devido a ligação direta que se estabelece com a situação do ensino, pois, é perceptível que a educação é uma teia de ações que culminam na aprendizagem, onde cada articulação dessa teia é fundamental para o bom funcionamento das aulas.

As instalações da instituição de ensino em questão, de forma geral, estão em boas condições de funcionamento, observou-se que ela é razoavelmente equipada embora alguns equipamentos não estejam em boas condições, como os computadores da sala de informática que, em geral, estão sucateados, dificultando a possibilidade de pesquisa via internet; outro fato detectado é que alguns ventiladores das salas de aula se encontram em mau funcionamento, o que gera um mal estar em certos horários do dia devido ao clima. No que diz respeito aos funcionários, devido ao grande porte da escola, afirma-se que o número é insuficiente para atender a demanda. Notou-se ainda, a falta dos seguintes profissionais: assistente social, ajudantes de disciplina e psicólogo, por esse motivo, algumas salas estão inutilizadas.

A escola observada funciona nos três turnos (manhã, tarde e noite) para atender a demanda de alunos que cursam o ensino fundamental, médio e modalidade EJA. O maior número de turmas se concentra na parte da manhã, com predominância do ensino médio, enquanto que a modalidade EJA tem turmas apenas no turno da noite.

Quanto aos professores, de uma forma geral, existem tanto efetivos como monitores em atividade. A disciplina de Filosofia está inserida nos três turnos, atendendo as turmas de nível médio, possuindo apenas dois professores, ambos efetivos: um deles possui graduação em Filosofia e o outro em Psicologia.

### **A situação do ensino de filosofia no contexto da regência**

A disciplina de Filosofia tornou-se obrigatória no currículo do ensino médio por meio da Lei 11.684/08, porém, não existe uma maior preocupação por parte do sistema educacional com relação à formação dos docentes. Dessa maneira, apesar de existirem leis que limitem o ensino de filosofia aos licenciados em filosofia, é fato que na prática vivenciada isso não ocorre, para exemplificar tais colocações, o caso da escola em questão, onde conforme anteriormente mencionado, há um professor de Filosofia que possui graduação em Psicologia.

No CEPA, a disciplina de Filosofia possui uma hora/aula semanal em cada turma do ensino médio. Além desta carga horária mínima, as turmas possuem uma quantidade excessiva de alunos em espaços pequenos, fatos que prejudicam o processo de ensino e aprendizagem. ou seja, cada turma de ensino médio assiste a uma hora semanal de aula de filosofia. Esta é a realidade na maioria das escolas públicas do Brasil.

Segundo Lorieri (2002, p. 52) “no entendimento de conteúdos do ensino da Filosofia, incluímos certas temáticas, questões ou perguntas, respostas diversas, exame, avaliação, reelaboração e substituição de respostas, métodos de investigação filosófica [...]”. Nessa perspectiva, pensando o ensino da Filosofia como possibilidade de reflexão e criticidade, esse ensino deve ser produto de um trabalho contínuo e rigoroso, mas com o pouco tempo e falta de equipamentos, o ensino de uma disciplina da qual se precisa abrangência e profundidade, torna-se um desafio a ser alcançado.

Constatou-se que não há livro didático sendo utilizado na disciplina de Filosofia nesta Instituição atualmente, porém, já foram encaminhados para a Instituição exemplares para serem analisados e escolhidos pelos professores de filosofia para o próximo ano letivo. Desse modo, a informação cedida pela coordenação da escola é que, a partir de 2012, o livro didático de filosofia passará a ser utilizado regularmente pelos alunos nas salas de aula.

A falta do livro de filosofia acarreta uma série de problemas, pois, sem o livro o aluno depende exclusivamente do professor para passar textos ou até mesmo indicar onde encontrar conteúdo filosófico para pesquisa., nesse sentido, o professor deve saber usar muito bem o curto tempo (sessenta minutos) para debater sobre conteúdos tão abrangentes como são os filosóficos, pois, Lorieri (2002, p. 51) afirma, que “os conteúdos da Filosofia são temáticas que se apresentam na forma de certas perguntas e para as quais há diversas respostas, algumas das quais presentes com mais força no cultural de cada época histórica”.

Ressalta-se que, é de extrema importância o livro didático em sala de aula, pois, dessa forma abre-se a possibilidade de uma maior apreensão dos conteúdos da filosofia pelos

alunos, desde que ele seja bem utilizado pelo professor. É evidente que este não é o único problema que afeta o ensino, conforme anteriormente mencionado, observou-se que fatores como a estrutura física da escola, a posição social dos alunos, também influenciam no desenvolvimento da aprendizagem em relação ao ensino de Filosofia.

### **Regência de aulas de Filosofia nesse universo escolar**

O objetivo de toda pesquisa, reflexão, ação que ocorre no campo do Estágio Supervisionado, é preparar o graduando para os desafios da docência, ao passo que o estágio de regência é um momento de fundamental importância no exercício dessa preparação. Pois, nem todo o conteúdo teórico, nem mesmo o período de observação e de regência (que já nos aponta direções) têm a capacidade de gerar reflexão e compreensão acerca desse universo chamado sala de aula. É preciso estar no comando de uma sala de aula, com todas as dificuldades em suas mãos, para entender e sentir as questões que não foram possíveis em leituras, ou mesmo na observação das aulas.

Nesse sentido, Cerletti (2009, p. 10) foi muito feliz quando afirmou que quem “deve estabelecer quais são os problemas concretos de ensinar filosofia são os que enfrentam no dia a dia com a situação de ensinar, já que só eles estão em condições de ponderar com justeza todos os elementos intervenientes de cada situação pontual”. Portanto, considera-se que é a vivência na escola como um todo, mas, sobretudo em sala de aula, que confere ao professor a competência de estabelecer certos métodos que configurem um ensino de melhor qualidade. Cada situação tem suas particularidades e, por isso, é preciso que haja um movimento dialético entre professor e realidade, o que ficou bem claro no processo de regência quando, para nos adequar a certas exigências e dificuldades dos estudantes em sala de aula, foi preciso fazer adaptações do plano de estágio que tomamos como guia inicialmente.

A escola tem uma boa estrutura, possui biblioteca e sala de vídeo, o que dá ainda mais possibilidades de desenvolvimento na educação e permite aos estudantes a possibilidade de atividades extraclasse, seja no âmbito da cultura, seja no âmbito do esporte. Porém, a não utilização do livro, bem como o curto espaço destinado a disciplina, gera um distanciamento do aluno diante da disciplina, pois, o momento que o estudante tem para pensar a disciplina se restringe a uma hora semanal, depois o estudante se depara com uma semana inteira lidando com outras questões, muitas vezes supérfluas que os afasta daquele momento. Ressalta-se aqui as consequências que a ausência do livro didático acarreta, pois, devido a isto, não há um acompanhamento e uma vivência extra classe dos conteúdos trabalhados na disciplina de Filosofia, fator este que influencia a apreensão destes.

As aulas para a regência, como disposto no plano de estágio, eram parte de duas unidades temáticas selecionadas para dois 3ºs anos, cada unidade foi construída para cinco aulas, totalizando dez aulas nas duas turmas. O professor da disciplina nessa escola deixou, a critério do estagiário, a escolha dos conteúdos a serem trabalhados, dessa forma, a primeira

unidade “Filosofia na Antiguidade” se desdobrou em cinco planos de aula que foram do “Mito” à “Filosofia de Platão”; a segunda unidade “Tópicos Filosóficos”, se ateve a problemas filosóficos durante a história, como a amizade em Aristóteles, a questão do inatismo e do empirismo, bem como o renascimento com Giordano Bruno, ou a modernidade com Hume e Kant – todos os conteúdos foram trabalhados por meio de exercícios e textos xerocados para serem entregues aos estudantes, além desses conteúdos essencialmente filosóficos, ficou a nosso critério o uso de recursos não filosóficos (complementares). Importa ressaltar que nossa intenção inicial foi a de não utilizar recursos não filosóficos, mas o exercício da regência nos impeliu a utilização de tais recursos complementares, e o resultado foi um aproveitamento melhor, que rendeu inclusive elogios da turma.

O modelo de aula que o professor da disciplina utilizava se baseava em escritos no quadro (pela ausência do livro didático e a não disponibilidade suficiente de cópias dos conteúdos) e a explanação destes, nesse sentido, procurou-se no período de regência uma diminuição do tempo utilizado para a escrita no quadro (sendo utilizado apenas para tópicos), fazendo com que acarretasse um avanço na aprendizagem. O que mais dificultou foi a inicial falta de desenvoltura por parte dos estagiários, que na verdade se desenvolveu durante o decorrer das aulas. Sobre essa questão, em conversa com o professor da disciplina, este afirmou ser apenas uma questão de prática e experiência em sala de aula. Ainda vale ressaltar que, ao fim de cada aula, houve extensas conversas com o professor responsável pelas turmas, onde este fez críticas construtivas, fazendo com que os estagiários percebessem que além do conteúdo, deve haver ainda todo um “jogo de cintura” no relacionamento com os estudantes, fatores que foram perceptíveis no decorrer da prática docente.

Cada aula regida foi uma descoberta, uma linha tênue entre o relacionamento professor-aluno e aluno-disciplina se estabelece, ao passo que para que o aluno construa um desejo de saber sobre o que é transmitido é necessária uma boa relação, que vem unida a imposição da voz e aos limites estabelecidos entre formalidade e informalidade. Essa é uma questão difícil, até que ponto deve se estabelecer uma relação informal com o aluno? Cada caso reflete uma ação, e o maior desafio é perceber o momento de agir para construir uma motivação no aluno para a aprendizagem.

Outro ponto interessante é a necessidade de articulação dos conteúdos filosóficos com a realidade dos estudantes, realidade que pode ter certa familiaridade devido a pesquisas relacionadas à escola e ao nível social dos alunos. Construir aulas dialogadas foi interessante, nesse sentido, eles foram muito questionados, pois havia uma necessidade por parte dos estagiários para saber o que eles pensavam, o que acarretou um resultado positivo, onde foi perceptível a participação. Outra estratégia (conselho do professor) foi de tornar as aulas o mais agradável possível, traduzindo para eles conceitos difíceis como, por exemplo, pegar um fragmento de Heráclito e articular com o movimento da vida dos estudantes. Nesse sentido, tomamos a devida noção da importância dos complementos não filosóficos, pois são esses conteúdos que podem fazer a articulação da filosofia com o universo do estudante embora

não tenhamos usado em todas as aulas, esses complementos foram importantes nas aulas em que utilizamos. Como exemplo, na aula sobre Heráclito, utilizou-se a música “Como uma onda no mar” de Lulu Santos, que foi tocada e acompanhada em coro pelos estudantes que já estavam com a letra em mãos. Depois de uma reflexão e, em seguida, frases como “agora pude entender”, o que foi reconfortante para os estagiários e futuros professores. Outro recurso foi o vídeo “Mythof cave” para explicar o Mito da Caverna de Platão, uma crítica a sociedade moderna e ao próprio modo de vida dos alunos. Acreditamos que essa aula, em especial, foi momento ímpar, visto que as discussões fluíram naturalmente e mesmo as perguntas mais absurdas fez com que eu, como estagiário, pudesse perceber que os alunos queriam aprender.

Foi um período intenso que possibilitou uma reflexão ímpar em relação à questão da educação, que trazia o sentimento ora de frustração, ora de esperança. Frustração por enxergar a potencialidade daqueles estudantes, enxergar neles possíveis pensadores críticos, mas que não eram polidos da melhor maneira, devido justamente a falta de seriedade para com o ensino de filosofia por parte do sistema educacional. Por outro lado a esperança, esta que se manifesta devido a percepção de que mesmo na adversidade, existem professores e estudantes prontos para lutar, o professor na luta diária para construir boas aulas e estudantes aprendendo, são os que lutam e que impulsionam os novos profissionais a lutar também.

### **Considerações finais**

O período de regência na disciplina de Filosofia em uma escola da rede pública de ensino foi uma experiência sem igual para o desenvolvimento como futuros docentes, uma vez que foi possível vivenciar as dificuldades do professor no exercício de sua função, tendo consciência de que a regência se deu como um estudo de caso, visto que se passou em uma única instituição, refletiu-se ainda sobre a possibilidade de existirem situações muito mais difíceis. Tendo em mente sempre a necessidade de superação e transformação, a regência foi um período transformador, em que se atravessou da posição de estudantes para a posição de professor atuante, percebeu-se que a docência é um complemento do estudo, compreendeu-se que o professor é um estudante que ensina, ele deve estudar não apenas o conteúdo, mas deve estudar a si e ao outro para então poder ensinar.

Esse foi um período chave para o desenvolvimento não apenas como graduandos e futuros docentes, mas como pessoas que almejam por possibilidades de transformação e, mesmo que mínima essa pode ser sim uma possibilidade. Ficou clara a distinção entre teoria e prática, durante o estágio constatou-se que a teoria guiou ao momento da prática e se renovou como novas possibilidades teóricas a serem realizadas depois da prática. Dessa forma, pode-se afirmar que, aquilo que tinha sido discutido durante a graduação de forma teórica, pode ser vivenciado através do estágio na escola, principalmente a questão da *práxis* no contexto da vivência escolar (PIMENTA; LIMA, 2004).

Afirma-se ainda que havia em nosso entendimento uma certa resistência em relação a docência no período que antecedeu a prática, porém esse momento do estágio serviu como um catalisador que reconfigurou a percepção e nos emocionou. Foi uma quebra de certos paradigmas que foram se constituindo durante a graduação, como por exemplo, o pensamento de que nesse contexto em que nos inserimos só é possível uma educação de qualidade no Ensino Superior, porém acredita-se que na Educação Básica é também possível, mas não se pode apenas esperar por políticas educacionais que estabeleçam novos sistemas de educação, a luta é diária e tomou-se a consciência de que é possível um ensino com qualidade mesmo em situações adversas. Com essa afirmação, não atribui ao professor todas as responsabilidades referentes à educação, há uma clareza sobre a teia de articulações que se estabelecem como fontes da problemática do ensino, mas o professor é figura importante, uma vez que está a frente no processo, em contato com os principais interessados: os estudantes.

Em suma, objetiva-se deixar registrado o agradecimento especial ao professor que cedeu suas turmas, peça fundamental neste aprendizado, já que se disponibilizou a tirar dúvidas e fez críticas prudentes baseado em suas observações, além da força que ofereceu, dando esperança para continuar. Gratifica-se ainda a direção e, especialmente, a coordenação pedagógica, que atendeu com prontidão e gentileza. Enfim, agradecer a todos os funcionários e a todos os sujeitos da escola, de uma forma geral, por ter aberto as portas para esta pesquisa de campo.

Aproveita-se também para agradecer a orientadora da disciplina de Estágio Supervisionado em Filosofia pelo suporte dado durante todo o processo de trabalho em campo. Além de toda a paciência e atenção que nos ofereceu, dando força quando pensávamos em desistir.

Por fim, a experiência do estágio de regência proporcionou muita reflexão acerca dessa profissão incrível, mas ao mesmo tempo pouco reconhecida, fez com que a admiração fosse ainda maior para com os professores, entendê-los e querer construir um caminho semelhante ao deles. Considera-se esse momento um marco nesta trajetória acadêmica, uma disposição real de que somos capazes de construir um trabalho bom, muito melhor do que o que foi feito agora nesse primeiro contato.

**SUBMETIDO EM ABRIL DE 2013.  
APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM FEVEREIRO DE 2014.**

## **REFERÊNCIAS**

CERLETTI, Alejandro. **O ensino da filosofia como problema filosófico**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Coleção Ensino de Filosofia).

LORIERI, Marcos Antonio. **Filosofia**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação).

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1995. p. 9-29.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio: diferentes concepções. In: **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 33-57. (Coleção Docência em Formação; Série Saberes Pedagógicos).